

Amy Carmichael

Heróis: Legados de Fé da Modernidade—Parte 1

1 Coríntios 3.12–13; Marcos 16.15

Introdução

Em 1867, a primeira de sete filhos nasceu numa família irlandesa de sobrenome Carmichael. Apesar de David e Catherina Carmichael serem crentes dedicados, eles não faziam ideia de que sua primogênita, Amy, cresceria para se tornar uma das missionárias mais reverenciadas do mundo moderno. O que eles perceberam rapidamente foi que Amy tinha um temperamento forte e era uma menina difícil de se lidar. Ainda como menina, Amy recebeu o apelido de “Irlandesa Selvagem.”¹ Sempre que havia traquinagem na casa dos Carmichaels com 7 crianças, Amy geralmente era a instigadora.

Um dos primeiros incidentes dessa menina de temperamento determinado e personalidade forte aconteceu quando ela tinha apenas 5 anos de idade. Sua mãe tinha lhe dito que, se ela orasse por suas necessidades, Deus responderia suas orações. Amy tinha olhos castanhos, mas ela queria que fossem azuis. Então, numa bela noite, ela orou pedindo que Deus mudasse a cor de seus olhos. Na manhã seguinte, pulou da cama e correu para o espelho; de longe seus pais puderam ouvir sua frustração e decepção. A mãe teve dificuldades para explicar a Amy que Deus, às vezes, responde nossas orações com um “não” e que ele sempre tem um motivo para isso, mesmo que Amy não gostasse da resposta.²

Em outra ocasião, um adulto disse a Amy que ela deveria parar de engolir semente de ameixa porque, se não, nasceria um pé de ameixa de dentro da cabeça dela. Imediatamente, Amy engoliu uma dúzia, animada com a ideia de ter um pomar saindo da cabeça.

Essa determinação forte lhe serviria bem anos depois na Índia quando abandonou os vestidos europeus pelos vestidos indianos, quando saiu das agências missionárias inglesas e abrisse sua própria, quando ignorou o sistema indiano de castas ao abrir um orfanato e tratar funcionários e crianças com igualdade.

Conforme ela mesma escreveu, foi somente anos depois que Amy entendeu por que Deus lhe tinha dado olhos castanhos ao invés de azuis: com olhos castanhos, ela poderia incorporar a vida de uma indiana nativa, entrar num templo Hindu sem ser percebida, a fim de resgatar uma garotinha que era mantida ali como prostitua—escrava de sexo—pelos sacerdotes brâmanes. Com bastante frequência, ela foi acusada de sequestro, mas encarou seus acusadores sem se render.

Aos 15 anos, Amy creu no Evangelho e entregou sua vida nas mãos de Deus por meio da fé em Cristo Jesus. Dois anos depois, seu pai morreu inesperadamente, deixando-a com sua mãe para

criar as outras 6 crianças.

Num domingo de manhã, sua mãe e seus irmãos voltavam andando para casa depois da igreja quando Amy se deparou na rua com uma mulher, levando um amontoado pesado de trapos. Rapidamente, Amy e seus irmãos aliviaram a mulher daquele peso, pegaram-na em seus braços e a ajudaram a caminhar. Amy se lembra dos olhares frios dos outros irmãos da igreja, a quem chamava de “presbiterianos apropriados,” os quais, obviamente, reprovaram sua atitude. Você não deveria sujar suas mãos dessa maneira!

Posteriormente, Amy escreveria que, enquanto ajudava aquela senhora sobrecarregada de trapos, lembrou-se de um verso das Escrituras. Gostaria de chamar sua atenção para a passagem na qual Amy pensou nessa ocasião. Esta passagem se tornaria o lema de sua vida. Leia 1 Coríntios 3.11–13:

Porque ninguém pode lançar outro fundamento, além do que foi posto, o qual é Jesus Cristo. Contudo, se o que alguém edifica sobre o fundamento é ouro, prata, pedras preciosas, madeira, feno, palha, manifesta se tornará a obra de cada um; pois o Dia a demonstrará, porque está sendo revelada pelo fogo; e qual seja a obra de cada um o próprio fogo o provará.

Nesse texto, o apóstolo fala da futura avaliação da vida de cada crente. Trata-se não de um tempo de punição, mas de recompensa.

Paulo expande um pouco o assunto desse julgamento—o Bema de Cristo—em 2 Coríntios 5.10:

Porque importa que todos nós compareçamos perante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o bem ou o mal que tiver feito por meio do corpo.

Agora, as Escrituras ensinam claramente que nós não somos salvos pelas obras. Efésios 2.8–9 diz:

Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie.

Bem claro, não é? A salvação não é conseguida por meio de obras. Entretanto, apesar de a salvação não ser merecida pelas boas obras, ela é, sem dúvidas, evidenciada pelas boas obras. Conforme os reformadores colocaram tão bem alguns séculos atrás: fé salvífica é fé em Cristo somente, mas a fé salvífica jamais vem sozinha. Em outras palavras, fé genuína é acompanhada pelas boas obras que glorificam o Pai e levam o mundo a ver e ouvir o Evangelho. Então, o que revelamos com nossas vidas?

1 Coríntios 3.11–13 é um trecho que desafia o crente a viver uma vida piedosa, fervorosa, disciplinada e intencionada. Então, o que temos dado a Deus, com efeito? Coisas que queimarão diante do olhar de Cristo ou coisas que durarão eternamente?

A propósito, Paulo deixa claro aqui nessa passagem que nosso serviço para Cristo não é uma questão de quantidade, mas de qualidade. Este é o desafio de Paulo para o crente aqui: oferecemos pedras preciosas ou palha para Cristo? Damos a ele coisas baratas de nossas vidas, restos que não nos fazem falta, ou presentes custosos?

Foi essa passagem que mandou Amy Carmichael para o seu quarto naquela tarde quando chegou em casa depois de ter ajudado aquela mulher na rua. Ela orou com tremenda angústia por ter cedido à apatia religiosa, por evitar sujar as mãos no ministério do Evangelho e porque sua vida fazia pouquíssima diferença nas vidas de pessoas e para

a glória de Deus. Conforme contam seus biógrafos, esse dia e esse texto ecoariam pelo decorrer do resto de sua vida.³ Em breve, Deus provaria sua decisão.

Com o passar do tempo, a mãe de Amy ficou incapaz de cuidar dos filhos e Amy se mudou para a casa de um viúvo piedoso que criava seus filhos. Ele foi o fundador da Convenção Keswick e Amy trabalhou como sua secretária por vários anos. Enquanto isso, o Senhor começou a colocar em seu coração um fardo por algumas jovens pobres que trabalhavam num moinho próximo. O trabalho com as moças foi eficaz e, dentro de poucos meses, muitas delas tinham confiado em Cristo como seu Senhor e Salvador.

Pelo fato de morar na casa de um líder da Convenção Keswick, Amy teve o privilégio de conhecer servos peculiares de Deus, homens como F. B. Meyer e Hudson Taylor. Logo, Amy começou a sentir a direção de Deus para sair do ministério local e partir para alguma terra distante.

Ela escreveu que Marcos 16.15 vinha vez após vez ao seu coração e mente; somente a primeira palavra—*Ide... ide... ide*. Esse é um imperativo, uma ordem: “Vá! Vá e pregue o Evangelho às nações. Vá!”

Mais ou menos na mesma época, Amy ouviu Hudson Taylor pregar e falar sobre descrentes chineses, morrendo numa média de 1 milhão por mês. Essa realidade cativou ainda mais seu pensamento.

Marcos 16.15 se tornaria seu chamado pessoal de Cristo para deixar sua terra natal—a Grã-Bretanha—e deixar para trás o que ela dizia ser “o luxo da luz e entrar nas trevas.”

Amy preencheu os formulários para se tornar membro da agência de Hudson Taylor—Missões para o Interior da China—mas foi rejeitada por ter

uma saúde debilitada. E ela, de fato, sofria de fraqueza e enfermidades persistentes. Ela era acometida de neuralgia, uma doença que estimulava os nervos a sentir dor. Às vezes, ela era forçada a passar semanas deitada na cama.

Obstinada, um ano depois ela embarcou num navio em direção ao Japão para servir como missionária. Ela serviu menos de um ano; foi forçada a voltar para casa por problemas de saúde.

Para a maioria das pessoas, sem dúvidas para uma moça solteira morando na Grã-Bretanha, isso já teria bastado. Ela teria sido aplaudida por seu esforço; ela poderia ter ficado satisfeita com seu sacrifício e obediência para ir. Mas não para essa “Irlandesa Selvagem” que uma vez sonhou em ter um pomar saindo da cabeça. Ela sabia que Deus a tinha chamado para uma terra distante e uma cultura de trevas. Ela queria fazer alguma coisa para Deus, algo que ninguém tinha ainda realizado.

Mais tarde, ela escreveria: “Satanás é muito mais diligente do que nós; ele compra uma oportunidade enquanto nos perguntamos quanto ela custará.” Para a surpresa—e preocupação—de todos, um ano depois, dessa vez membro da agência missionária da Igreja da Inglaterra, Amy embarcou para a Índia. Um lugar não muito fácil de trabalhar.

Várias fontes que li relatam que até os missionários que a receberam na Índia predisseram que ela não duraria nem mesmo 6 meses no campo missionário. Como imaginado, ela batalhou, de fato, com a saúde debilitada, com solidão e com o aprendizado da língua tâmil para poder compartilhar o Evangelho com aqueles ao seu redor. Diferente do esperado, ela findou servindo na Índia por 55 anos, e sem jamais voltar sequer uma vez para seu país. Mas você precisa saber que seu ministério passou por uma mudança radical que ela jamais imaginou, nem mesmo os outros

missionários.

Essa mudança resultou em mal entendidos com suas igrejas apoiadoras, discórdias com outros missionários, uma briga enorme envolvendo uma família influente da Inglaterra numa tentativa de removê-la do campo e até problemas com a lei na Índia, mas Amy escolheu permanecer no trabalho, abrir sua própria agência missionária e confiar em Cristo para mantê-la fora da prisão e cuidar de suas necessidades financeiras.

Tudo começou com uma garotinha chamada Preena. Ela foi vendida aos 7 anos de idade pelos seus pais para o templo Hindu da região, onde ela supostamente estava casada com os deuses. Quando removemos toda a fachada, descobrimos que ela foi introduzida num mundo que hoje é conhecido por outro nome—tráfico sexual—apesar de a prática ser aceita e até reverenciada em seus dias e cultura.

A prática começou no século sexto; ela envolvia a venda de meninas novas por seus pais a sacerdotes hinduístas. No templo, elas seriam inicialmente ensinadas a cantar e dançar. Quando atingiam a puberdade, elas eram forçadas a uma vida de tragédia inescapável. As meninas não passavam de escravas dos sacerdotes brâmanes; eram usadas e abusadas por homens que frequentavam o templo para levar ofertas em comida e dinheiro.

Quando Preena, essa garotinha indiana de 7 anos de idade, percebeu o que sua vida acabaria se tornando, ela fugiu e acabou voltando para casa, onde achou que estaria segura. Logo que chegou em casa, uma mulher do templo apareceu, exigindo que Preena fosse devolvida imediatamente.

Amy conta que os braços de Preena agarravam a cintura da mãe enquanto gritava por socorro. A mulher do templo soltou ameaças, afirmando que o

deuses derramariam sua fúria. A mãe, temendo as divindades, tirou os braços da filha de sua cintura e a entregou à mulher. Quando chegou ao templo, os sacerdotes pegaram ferros quentes e marcaram a mãos de Preena como punição.⁴

Mas Preena recusou desistir e logo fugiu novamente. Dessa vez, ela fugiu para uma vila próxima e foi encontrada por uma mulher crente que a escondeu. E aconteceu, pela providência de Deus, de Amy Carmichael estar visitando essa mesma vila nessa mesma tarde. Quando conheceu Preena e ouviu sua história, Amy descobriu o que numa carta depois chamou de “a ferida aberta no corpo da Mãe Índia, onde pais e mães vendem suas filhas a diferentes deuses, transformando suas preciosas filhas em prostitutas do templo.” E Amy decidiu fazer alguma coisa.

Uma vila no sul da Índia, chamada Dohnavur, se tornou o quartel-general da missão de Amy—uma área de 40 hectares que logo testemunhou a construção de uma escola, casa, hospital e orfanato; mas, principalmente, o lugar se tornou um refúgio que Amy apelidou de “O Retiro da Floresta Cinza.”⁵

Não demorou muito até que 17 meninas fugiram ou foram resgatadas de templos próximos e abrigadas nesse santuário em Dohnavur. As crianças todas chamavam Amy de “amma,” que significa “mãe.”

Agora, acredite ou não, muitos missionários ficaram chocados ao ver que Amy interferia no sistema de casta e até ousava resgatar garotas de templos hindus no meio da noite. Ela escreveu para seus mantenedores, contando suas experiências. Mas um manuscrito que ela esperava que fosse publicado para abrir os olhos de seus compatriotas foi rejeitado pela editora, a qual o enviou de volta, afirmando que era desanimador demais. Amy continuou, sacrificando tudo o que tinha—ouro,

prata e pedras preciosas—pela causa do Evangelho de Cristo.

Após um tempo, seu abrigo em Dohnavur passou a cuidar de meninos e de bebês abandonados. Todos eles a chamavam de “amma.”

Nas minhas leituras, achei interessante descobrir que a maioria das crianças que entravam para o orfanato não sabia sua data de nascimento. Então, decidiram pensar na data de nascimento da seguinte forma: elas escolheram como seu aniversário o dia em que chegaram ao refúgio de Amy Carmichael; elas chamavam esse dia de “o dia da chegada.” Esse dia se tornou seu aniversário porque, naquele dia, elas finalmente começaram a viver.

Com o passar das décadas, sem nem procurar, Amy Carmichael começou a ser notada internacionalmente. Ela recebeu um prêmio pessoalmente das mãos da rainha Victoria por seu serviço; agências missionárias lhe enviavam convites para dar testemunho. No ápice de sua fama, enquanto andava pelo acampamento numa noite numa área onde trabalhadores tinham cavado um buraco do qual não estava ciente, Amy caiu, quebrou uma perna, torcendo a coluna na queda. Esse acidente a deixou confinada a uma cama pelos últimos 20 anos de sua vida. Ela escreveu em seu diário posteriormente: “Não temos que entender, mas apenas obedecer.”⁶

Esses 20 anos de confinamento a uma cama acabaram se tornando maravilhosamente frutíferos. Ela escreveu meia-dúzia de livros, além de poesias que inspirariam milhares de pessoas a investir suas vidas no serviço de Cristo, a aceitar o chamado pessoal de ir—ir e edificar uma vida feita de pedras preciosas com sacrifícios custosos, a realizar um serviço que agradaria o Senhor.

Em um livro maravilhoso que escreveu no qual fala de Amy Carmichael, Warren Wiersbe faz uma pergunta honesta: qual igreja hoje apoiaria o ministério de Amy Carmichael? Pense bem nos fatos:

- Ela passou 60 anos no campo e não voltou sequer uma vez para prestar relatório aos mantenedores;
- Apesar de ter ido para o campo sob a autoridade de uma agência missionária, ela praticamente fez as coisas do seu jeito, ignorando normas convencionais e até o sistema de casta, vestindo-se como uma mulher indiana e exigindo que todos em sua missão adotassem um nome indiano;
- Pense também no fato de ela ter saído da agência missionária enviada e começado sua própria organização;
- Considere também que ela partiu para o campo para realizar um tipo de ministério, mas dentro de poucos anos, começou um ministério totalmente diferente que até criou problemas com a lei. Numa dada ocasião, ela até encarou a possibilidade de passar 7 anos na prisão por “auxiliar no sequestro de uma criança.” Por fim, o caso foi deixado de lado;
- Além disso, os relatórios que ela enviava para sua terra natal eram estranhos demais para serem verdadeiros, ou até mesmo chocantes demais;
- Pense também no fato de ela ter sido requisitada várias vezes para voltar para visitar suas igrejas, mas recusou deixar o campo. Ela também disse que não tinha tempo e nem iria voar naqueles aviões

mesmo porque—conforme ela mesma explicou—já que o diabo era o príncipe da potestade do ar, ela não tinha desejo algum de voar no território dele (uma perspectiva estranha, mas muitos na época pensavam da mesma maneira);

- Por fim, considere o fato de ela ter passado os últimos 20 anos de seu ministério como uma inválida, liderando o trabalho de sua cama.⁷

Quem apoiaria um missionário assim? Teimosa e de temperamento forte até o fim. Eu descobri que, quando ela tinha 80 anos, leu o comentário de que seus livros eram bastante populares. “Populares?!” reagiu ela, “Senhor, é assim que as pessoas enxergam esses livros escritos no calor da batalha? Populares?! Ó, Senhor, queime meus livros e reduza-os a cinzas se isso for verdade.”⁸

Amy Carmichael escreveu com um realismo bastante honesto a candidatos a missões. Ela lhes dizia que jamais conseguiriam chegar à Índia como missionários, ao menos que levassem consigo um bom senso de humor e nenhum olfato. Ela disse a outros candidatos que, acima de qualquer outra coisa, trabalhar com ela lhes oferecia apenas uma coisa: a oportunidade de morrer.

Ela viveu na prática o seu verso-chave—que fala que Deus deseja ver em nós sacrifícios preciosos, coisas que custam valor alto, não para que sejamos salvos, mas porque queremos glorificar o Deus que nos salvou e nos chamou para ir.

Quando morreu em 1951 aos 83 anos de idade, Amy deixou para trás um legado magnífico edificado sobre o alicerce de Cristo—vidas preciosas de centenas de crianças cujas vidas foram física e espiritualmente resgatadas pelo Evangelho.

Quando sua morte se aproximou, ela insistiu que não colocassem epitáfio algum sobre seu túmulo; ela não queria que houvesse a tentação de seus colegas edificarem um santuário em sua honra. Eles honraram seu pedido, até certo ponto. Sobre seu túmulo, eles colocaram uma pequena fonte de água com uma placa na qual escreveram uma palavra apenas: “amma,” ou seja, “mãe.” Foi impossível não pensar na ironia que muitas crianças encontraram um lar porque ela se dispôs a abrir mão do seu lar.

Ela viveu 60 anos para o dia da recompensa, quando seria recompensada, conforme seu verso-chave ensina, pela qualidade de seu serviço—pela autenticidade, integridade, verdade, humildade, perseverança, amor e fé. Foi isso o que o apóstolo Paulo quis dizer quando falou de uma vida edificada sobre o fundamento de Cristo com pedras preciosas de ouro, prata e joias. Vidas dispostas a serem sacrificadas, a encarar o preço e a abraçar o alto custo de ser um discípulo de Jesus Cristo.

Termino com as palavras de um poema que Amy Carmichael escreveu. Ele revela sua atitude para com a vida, ministério e sofrimento; uma vida que ela queria, assim como Paulo, que somasse para a causa de Cristo:

*Livra-me da oração que pede que eu seja
protegida dos ventos que sopram contra Ti.
Livra-me de temer quando devo aspirar,
de tropeçar quando devo subir mais alto,
de me fragilizar, ó Capitão, livra
Teu soldado que Te segue.*

*[Livra-me] do desejo sutil de facilitar as coisas,
de escolhas fáceis, do enfraquecimento,
de tudo quanto ofusca o Teu Calvário,
ó Cordeiro de Deus, livra-me.*

Dá-me o amor que lidera o caminho,

a fé que nada teme,
a esperança que nenhuma decepção consome,
o fervor que queima como fogo.
Não me deixe afundar como um torrão.
Que eu seja Teu combustível, ó Chama de Deus.

Quero que essa série de estudos o encoraje a

escolher e decorar versos que Deus tem usado em sua vida hoje de forma especial. Toda Escritura é inspirada e útil, mas existem épocas na vida quando uma passagem ou verso serve de encorajamento especial ou até mesmo para revelar nosso pecado. Vamos aprender com o exemplo e testemunho de legados da luz, heróis da fé da modernidade.

Este manuscrito pertence a Stephen Davey, pregado no dia 22/09/2013

©Copyright 2013 Stephen Davey

Todos os direitos reservados

¹ www.heroesofhistory.com/page11.html

² www.christianity.com/AmyCarmichael/KindlyKidnapper

³ www.historymakers.info/inspirational-christian/amy-carmichael.html

⁴ Adaptado de Frank L. Houghton, *Amy Carmichael of Dohnavur* (CLC, 1953), p. 138.

⁵ www.torchlighters.org

⁶ AmyCarmichael, *Candles in the Dark*.

⁷ Adaptado de Warren W. Wiersbe, *50 People Every Christian Should Know* (Baker, 2009), p. 299.

⁸ www.heroesofhistory.com/page17.html.